



Reflexões sobre a Cultura dos Povos Indígenas de Pernambuco

Kátia Nepomuceno (Tutra do Pet Indígena) Edna M.A,da Silva; Jéssica V.B. de Oliveira knpeessoa@gmail.com

Bolsistas do PET Indígena -Discentes do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena UFPE CAA. (Universidade Federal de Pernambuco)



Para a maioria da população a resposta seria não, pois é uma sociedade pouco reconhecida pelo seu próprio estado que não dá subsídio para serem afirmados como Povos indígenas; muitas pessoas ainda veem os índios no passado ou sem perspectiva de futuro, essa invisibilidade apregoadada dos índios que já deveriam ter sumido da cena, é um trauma da mentalidade colonial Brasileira. A sociedade foi ensinada a pensar que o indígena é um ser do passado, não existe uma noção sobre o índio do presente; esse estereótipo que foi criado faz com que o preconceito e a desvalorização permaneça. Devemos pensar no índio real, o que ele é hoje no século XXI mesmo estando vivendo na aldeia, na cidade etc.

Existe uma série de elementos que é utilizado hoje, pra fazer essa reprodução permanente desse estereótipo, criou-se uma imagem e dessa imagem a população indígena não conseguiu se distanciar, porque a sociedade Brasileira meio que não permite o distanciamento. Os povos indígenas fazem muito esforço para entender e aceitar o Brasil, e a sociedade faz muito pouco esforço para aceitar e compreender os povos indígenas

O desconhecimento da realidade indígena, em Pernambuco, está associado basicamente à imagem do índio que é tradicionalmente veiculada pela mídia: um índio genérico com um biótipo formado por características correspondentes aos indígenas de povos habitantes na Região Amazônica e no Xingu, com cabelos lisos, pinturas corporais e abundantes adereços de penas, nus, moradores das florestas, de culturas exóticas etc.. Ou também imortalizados pela literatura romântica produzida no século passado, como nos livros de José de Alencar, onde são apresentados índios belos e ingênuos, ou valentes guerreiros e ameaçadores canibais, ou seja "bárbaros, bons selvagens e heróis" (Silva, 1994).

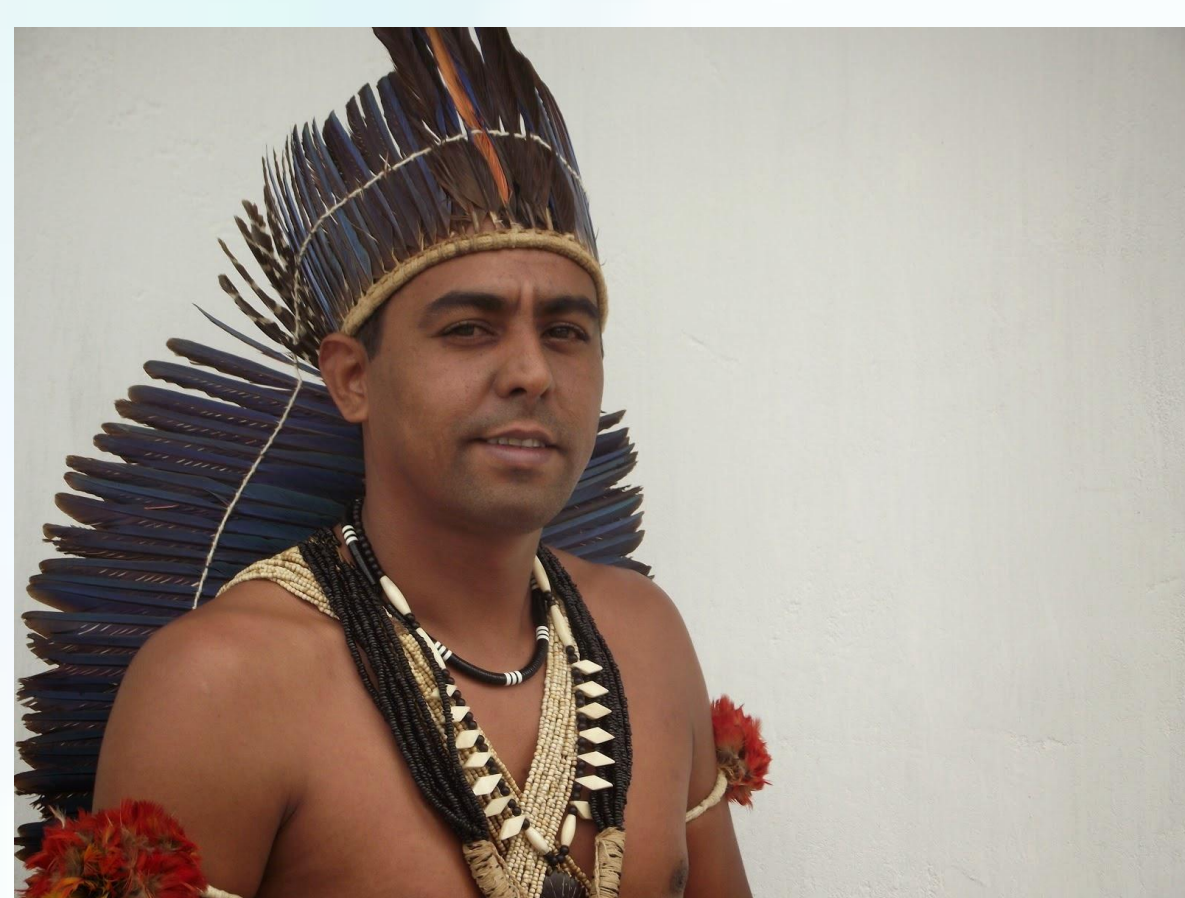
Escolas indígenas na comunidade Kapinawá e lideranças



Pankararu – Corrida do Imbu



Adeia de Cimbres – Povo Xukuru - Cacique Marcos



Povo Entre Serras Liderança Crispim



Menino do Rancho Povo Entre serras



Uma das primeiras questões que deveria ser abordada quando se trata de cultura Pernambucana era a diversidade cultural encontrada nos vários povos indígenas habitantes do nordeste que é enorme, porém não. Com base nessa situação pretendemos realizar esse trabalho para proporcionar condições de transmitir e registrar os saberes e as práticas como forma de fortalecimento da nossa identidade étnica.

Em Pernambuco, ainda que com línguas extintas, várias práticas linguísticas e culturais se preservaram e são identificadas neste trabalho. Pernambuco conta atualmente com 12 povos distintos; Pankararu, Pankaiwka, Entre Serras, Fulni-ô, Pipipã, Truka, Tuxá, Pankará, Atikum, -kapinawa, kambiwa, Xucuru. Para iniciar este processo de conscientização, este projeto visa divulgar estes povos e sua realidade cultural, sua história e suas práticas linguísticas em escolas da rede municipal de Caruaru, Agreste de Pernambuco e no âmbito da própria universidade federal de Pernambuco. Assim, acredita-se que o papel de ação social através da pesquisa pode ser realizado com mais consistência e que teremos, a longo prazo, mudanças na postura da sociedade acerca do respeito aos povos indígenas e buscar uma maior inserção dos indígenas dentro das comunidades não indígenas.

A valorização da nossa cultura é um fator primordial para o fortalecimento da nossa identidade étnica, a compreensão desse fator por parte principalmente dos nossos jovens, é de uma suma importância busca registrar nossas riquezas culturais para permanecer cada vez mais viva.

Referência

SILVA, Edson. (1994). "*Bárbaros, bons selvagens, heróis: imagens de índios no Brasil*". In, CLIO – Revista de Pesquisa Histórica da Universidade Federal de Pernambuco (Série História do Nordeste nº 15). Recife, Editora Universitária, pp. 53-71.